

Filosofia Antiga e Medieval

1. Apresentação

Este trabalho constitui um desafio muito grande: compreender o papel da filosofia e suas representações ao longo da história ocidental para a formação de educadores. Mas será que a filosofia pode contribuir efetivamente nesta tarefa ou será apenas mais um dos muitos caprichos gerados com a fragmentação do conhecimento produzido e transmitido na e pela escola?

Primeiramente precisamos considerar que temos diante de nós toda uma trajetória de 2500 anos. O distanciamento do tempo nos permite uma avaliação mais detalhada a ponto de podermos dizer que esta ou aquela explicação foram parciais ou equivocadas. Muitas vezes, aqueles que estão envolvidos não conseguem desfrutar desta perspectiva privilegiada de que dispomos.

Outro aspecto que entendo ser oportuno colocar aqui é o fato de que o objeto principal de que nos ocuparemos é o homem – poderíamos dizer então que a filosofia é uma grande antropologia – mas queremos abordar o humano sempre tendo em vistas os processos educacionais (formais ou informais) nos quais o homem se insere. O “conhece-te a ti mesmo” socrático continua sendo um apelo válido. O encontro com aquilo que há de mais constitutivo de nós mesmos pode ser um momento importante de crescimento e reflexão.

Usaremos como método de trabalho o levantamento das soluções apresentadas historicamente. Mas não queremos fazer um curso de História da Filosofia. Queremos sim, apontar os contextos nos quais os pensamentos se desenvolveram e tentar depreender dali a concepção de homem e mundo decorrente. Mais ainda, compreender como esta elaboração teórica materializou-se na *práxis* efetiva dos homens.

Muitas vezes estaremos falando de alma, ética, política, conhecimento, transcendência e cultura. Mas o que isto tem a ver com um curso de filosofia para educadores? Entendemos que tem tudo a ver. Isto faz sentido porque entendemos que o homem não existe apenas enquanto objeto da ciência, dotado de uma materialidade fixa e passível de mensuração. Mas o homem se manifesta nas suas extensões, em todo o mundo significativo que é capaz de construir. Numa relação dialógica com este mundo pois, o homem o interpela e é interpelado por ele, é que o homem vai se constituindo.

A nossa preocupação é compreender este homem – não seria melhor tratá-lo sempre no plural? – em todas as dimensões onde ele atua. É nesta inserção no mundo, datada no tempo e espaço (histórica se preferirem) que o homem atua e se faz. É este homem plural que queremos compreender e, por extensão, compreender a nós mesmos.

Uma última ressalva diz respeito ao modelo de abordagem que empregaremos. Recusaremos a distância, a frieza, a segurança do pesquisador que não quer se contaminar com o pesquisado. Pelo contrário, entraremos por inteiro, considerando nossas experiências, nossos valores e nossa visão de mundo. Mas não sem crítica ou por mera tentativa de reafirmarmos o nosso mundo como o concebemos. Mas queremos colocar em risco nossa maneira de interpretar o mundo a fim de que possamos nos tornar melhores.

Ao longo de todas as unidades você pode sentir a necessidade de ampliar suas fontes de pesquisa. Para tanto, disponibilizo os endereços onde você pode encontrar três sugestões de obras que tratam de temas de filosofia. Tenha-os sempre à mão para eventuais

consultas.

Três fontes de pesquisa

Você pode baixar três arquivos que podem auxiliá-lo na contextualização dos períodos e pensadores abordados aqui. Estes arquivos também estão disponíveis também na MIDIAATECA. São eles:

Enciclopédia de Filosofia

http://asmayr.pro.br/livros/enciclopedia_de_filosofia.exe

Convite à Filosofia, de Marilena Chauí

http://asmayr.pro.br/livros/convite_a_filosofia.exe

Uma História da Filosofia Ocidental, de D. W. Hamlyn

http://asmayr.pro.br/livros/uma_historia_da_filosofia_ocidental.exe

Para aqueles que ainda não compreendem bem uma aplicação prática ou utilidade para a filosofia, transcrevo aqui uma fala da filósofa Marilena Chauí que deve ser lembrada durante nosso curso. Diz ela:

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes. (Chauí, 2000)

Na obra *O Existencialismo é um humanismo* Sartre afirma que “O homem nada mais é do que uma série de empreendimentos”. Convido a todos a realizar mais este empreendimento que deixará marcas profundas naqueles que se permitirem entregar.

Bom trabalho!

Arnaldo Mayr

2. O surgimento da filosofia

Logo na aurora da filosofia os primeiros pensadores se deram conta da imensidão do universo que os rodeava e começaram a explorar este mundo de forma insistente e frenética. Os cosmológicos – também denominados pré-socráticos – em breve perceberam que sua busca dos princípios primeiros só fazia sentido se eles pudessem demonstrar, com clareza e exatidão, a realidade que estudavam.

O surgimento da polis grega e a crescente atividade político-social trouxeram a questão para mais perto do cotidiano humano. Os sofistas primeiramente e depois os três grandes – Sócrates, Platão e Aristóteles – empreenderam muitos esforços na direção de compreender a essência do homem. Sócrates, considerado o fundador da antropologia, tem seu mérito justamente pelo fato de colocar a questão antropológica a partir de um conhecimento de si próprio: “Conhece-te a ti mesmo”. As questões referentes à vida pública e as formas de conhecimento foram a tônica desta fase.

O período medieval continuou esta empreitada só que a partir de outro prisma. O teológico constituiu-se na mediação através da qual o humano era desvendado. A questão antropológica, mesmo que de forma velada, ainda era o elemento trator das pesquisas deste período. O grande problema era compreender as relações entre o divino e o humano.

Com o advento da modernidade e o movimento renascentista o problema antropológico passou a ser explícito. O homem constituiu-se em objeto maior de todos os esforços de pensamento. Aliado a isto temos uma mudança metodológica importante que dará uma guinada nos rumos da discussão que era travada até então. A modernidade irrompe-se justamente pela marca do antropológico que carregará e a grande preocupação em estabelecer um método válido para as pesquisas científicas.

A filosofia atinge seu auge com o iluminismo e tem no séc. XIX seu apogeu. Os ideais das revoluções francesa e industrial estavam consolidando-se e o mundo, mais do que nunca, tomava o homem como centro de forma inequívoca. Mas era uma perspectiva assentada na amplificação da razão humana e suas possibilidades. Abusca incessante pelo racional e científico marca de maneira muito forte estas abordagens.

A crítica a essa pretensão da razão ilimitada teve lugar a partir da quebra de paradigmas empreendida pelos três grandes mestres da suspeita: Marx, Nietzsche e Freud. Os pilares da reflexão filosófica foram duramente solapados e outro universo de dimensões inimagináveis se descortinou. A consciência ganhou novos contornos, as relações sociais ganharam relevância na constituição da representação do sujeito de mundo e a racionalidade foi confrontada com o homem dionisíaco passional.

A contemporaneidade ainda está digerindo esta ruptura proposta ao final do séc. XIX. O cenário do pós-guerra e os avanços tecnológicos experimentado nos últimos 50 anos contribuíram ainda mais para suspender qualquer pretensão de constituição do humano. A ciência e a suposta racionalidade está em xeque. Todo este sentimento de angústia e perplexidade é traduzido pelo conceito etéreo de *pós-modernidade*.

O que está em pauta hoje é repensar toda esta trajetória já empreendida, explicitando seus limites e apontando novos horizontes. Esta tarefa está apenas começando e as perspectivas são proporcionais às facetas que podemos vislumbrar no humano.

Fizemos este voo panorâmico pela história do pensamento para não perdermos de vista o

plano de fundo no qual as reflexões filosóficas se inserem. Mas será que podemos conferir à filosofia uma utilidade? Ou será que a filosofia não passa de uma erudição requintada? Para responder a esta questão vamos conferir dois textos que tratam deste problema.

2.1 - *Para que serve a filosofia?*

Texto 1 - Para que serve a filosofia?

Por Simon Blackburn, Universidade de Cambridge

O texto é originalmente em português(PT). Algumas partes foram propositadamente suprimidas por questões didáticas. O original encontra-se no endereço:

www.criticanarede.com/fa_10excerto.html e também em

<http://asmayr.pro.br/textos/paraquefilosofia.php>

Está tudo muito bem, mas será que vale a pena preocuparmo-nos? Qual é o interesse? A reflexão não põe o mundo a funcionar. Não coze o pão nem põe os aviões no ar. Por que razão não havemos de pôr as perguntas reflexivas de lado, e passar às outras coisas? Irei esboçar três tipos de respostas: a elevada, a intermédia e a chã.

A resposta elevada põe em questão a pergunta - uma estratégia filosófica típica, pois implica subir um grau na ordem da reflexão. Que queremos dizer quando perguntamos para que serve? A reflexão não coze o pão, mas também a arquitectura não o faz, nem a música, a arte, a história ou a literatura. Acontece apenas que queremos compreender-nos. Queremos isto pelo seu valor intrínseco, tal como os especialistas em ciências ou matemáticas puras podem querer compreender o princípio do universo, ou a teoria dos conjuntos, pelo seu valor intrínseco, ou como um músico pode querer resolver alguns problemas na harmonia ou no contraponto pelo seu valor intrínseco. São coisas que não se fazem em função de aplicações práticas. Grande parte da vida trata-se de facto de criar gado para poder comprar mais terra, para poder criar mais gado, para poder comprar mais terra. Os momentos em que nos libertamos disso, seja para fazer matemática ou música, para ler Platão ou Eça de Queirós, devem ser acarinhados. São momentos em que desenvolvemos a nossa saúde mental. E a nossa saúde mental é boa em si, como a nossa saúde física. Além disso, há no fim de contas uma recompensa em termos de prazer. Quando temos saúde física, o exercício físico dá-nos prazer, e quando temos saúde mental, o exercício mental dá-nos prazer.

Esta é uma resposta purista. Esta resposta não está errada, mas tem um problema. Acontece que provavelmente só consegue ser atraente para as pessoas que já estão parcialmente convencidas - pessoas que não fizeram a pergunta original num tom de voz muito agressivo.

Por isso, eis uma resposta intermédia. A reflexão é importante porque está na continuidade com a prática. O modo como pensamos sobre o que estamos a fazer afecta o modo como o fazemos, ou até mesmo se o chegamos a fazer; pode conduzir a nossa investigação, ou a nossa atitude relativamente a pessoas que fazem as coisas de modo

diferente, ou até toda a nossa vida. Tomemos um exemplo simples: se as nossas reflexões nos levarem a acreditar na vida depois da morte, podemos estar preparados para enfrentar perseguições que não enfrentaríamos se nos convencêssemos - como muitos filósofos - de que a noção não faz sentido. O fatalismo, ou a ideia de que o futuro está determinado, seja o que for que façamos, é uma convicção puramente filosófica - mas é uma convicção que tem o poder de paralisar a acção. Em termos mais políticos, pode também exprimir a aceitação do baixo estatuto social atribuído a alguns segmentos da população, o que pode ser reconfortante para pessoas que, pertencendo aos estatutos mais elevados, encorajam essa aceitação.

Quando parece que nos preocupamos com os outros, isso apenas disfarça a nossa esperança num benefício futuro para nós mesmos. O paradigma principal nas ciências sociais é o homo economicus - o homem económico. O homem económico toma conta de si, numa luta competitiva com os outros. Ora, se as pessoas pensarem que somos todos assim, sempre, as suas relações com os outros transformam-se; pois terão menos confiança nos outros, serão menos cooperativos e mais desconfiados. Isto muda o modo como interagem com os outros, o que acarreta vários custos. Irão descobrir que é difícil, e por vezes impossível, manter actividades cooperativas: podem ficar encurralados naquilo a que o filósofo Thomas Hobbes (1588-1676) chamou "a guerra de todos contra todos". Na vida real, essas pessoas terão um alto custo a pagar, pois estão sempre a pensar que estão a ser enganadas.. Mas tudo isto pode estar baseado num erro filosófico, que consiste em olhar para a motivação humana através de um conjunto de categorias erradas, compreendendo portanto de forma errada a sua natureza. Talvez as pessoas possam importar-se umas com as outras, ou talvez possam pelo menos preocupar-se em cumprir a sua parte e em manter as suas promessas. Se tivermos uma imagem mais optimista, talvez as pessoas possam viver de acordo com essa imagem. Talvez as suas vidas melhorem. Assim, pensar um pouco, encontrar as categorias certas para compreender a motivação humana, é uma tarefa prática importante. Não é algo que esteja confinado ao escritório; pelo contrário, é algo que extravasa o escritório.

Eis um exemplo muito diferente. Einstein percebeu que os resultados das nossas medições iriam depender da direcção em que estamos a viajar relativamente aos acontecimentos que estamos a cronometrar. Isto conduziu à teoria da relatividade e o próprio Einstein reconheceu a importância dos filósofos que o precederam, ao sensibilizarem-no para as complexidades epistemológicas de tais medições.

Assim, a resposta intermédia chama-nos a atenção para o facto de a reflexão estar na continuidade com a prática, podendo a nossa prática ser melhor ou pior de acordo com o valor das nossas reflexões. Um sistema de pensamento é algo em que vivemos, tal como uma casa, e se a nossa casa intelectual estiver fechada e for limitada, precisamos de ver que outras estruturas melhores serão possíveis.

A resposta chã limita-se a sublinhar um pouco este aspecto, não relativamente a belas disciplinas graciosas como a economia e a física, mas relativamente ao piso térreo onde a vida humana é um pouco menos elegante. Uma das séries de sátiras gravadas pelo pintor espanhol Goya tem por título "O Sono da Razão Produz Monstros". Goya pensava que muitas das loucuras da humanidade resultavam do "sono da razão". Há sempre pessoas prontas a dizer-nos o que queremos, a explicar-nos como nos vão dar essas coisas e a mostrar-nos no que devemos acreditar. As convicções são contagiosas, e é possível convencer as pessoas de praticamente tudo. Geralmente, estamos dispostos a pensar que os nossos hábitos, as nossas convicções, a nossa religião e os nossos políticos são

melhores do que os deles, ou que os nossos direitos dados por Deus anulam os direitos deles, ou que os nossos interesses exigem ataques defensivos ou dissuasivos contra eles. Em última análise, trata-se de ideias que fazem as pessoas matarem-se umas às outras. é por causa de ideias sobre o que os outros são, ou quem somos, ou o que os nossos interesses ou direitos exigem que fazemos guerras ou oprimimos os outros de consciência tranquila, ou até aceitamos por vezes ser oprimidos. Quando estas convicções implicam o sono da razão, o despertar crítico é o antídoto. A reflexão permite-nos recuar, ver que talvez a nossa perspectiva sobre uma dada situação esteja distorcida ou seja cega, ou pelo menos ver se há argumentos a favor dos nossos hábitos, ou se é tudo meramente subjectivo. Fazer isto bem é pôr em prática mais alguma engenharia conceptual.

A reflexão pode ser encarada como uma coisa perigosa, visto que não podemos saber à partida onde nos conduzirá. Há sempre pensamentos que se opõem à reflexão. As questões filosóficas fazem muitas pessoas sentirem-se desconfortáveis, ou mesmo ultrajadas. Algumas têm medo que as suas ideias possam não resistir tão bem como elas gostariam se começassem a pensar sobre elas. Outras podem querer basear-se nas "políticas da identidade" ou, por outras palavras, no tipo de identificação com uma tradição, grupo ou identidades nacionais ou étnicas particulares que os convida a voltar as costas a estranhos que coloquem em causa os hábitos do grupo. Essas pessoas irão minimizar a crítica: os seus valores são "incomensuráveis" relativamente aos valores dos estranhos. Só os irmãos e irmãs do seu círculo podem compreendê-las. Algumas pessoas gostam de se refugiar num círculo espesso, confortável e tradicional de tradições populares, sem se preocuparem muito com a sua estrutura, as suas origens, ou mesmo com as críticas que possam merecer. A reflexão abre a avenida da crítica, e as tradições populares podem não gostar da crítica. Neste sentido, as ideologias tornam-se círculos fechados, prontas a sentirem-se ultrajadas pelo espírito interrogante.

Nos últimos 2 mil anos, a tradição filosófica tem sido a inimiga deste tipo de complacência confortável. Tem insistido na ideia de que uma vida não examinada não vale a pena ser vivida. Tem insistido no poder da reflexão racional para descobrir o que há de errado nas nossas práticas, e para as substituir por práticas melhores. Tem identificado a auto-reflexão crítica com a liberdade - e a ideia é que só quando nos conseguimos ver a nós mesmos de forma adequada podemos controlar a direcção em que desejamos caminhar. Só quando conseguimos ver a nossa situação de forma estável e a vemos na sua totalidade podemos começar a pensar no que fazer a seu respeito. Marx disse que os filósofos anteriores tinham procurado compreender o mundo, ao passo que o que era preciso era mudá-lo -teria sido melhor que Marx tivesse acrescentado que sem compreender o mundo, pouco saberemos em termos de como o mudar - pelo menos para melhor.

Há correntes académicas no nosso tempo que são contra estas ideias. Há pessoas que questionam a própria noção de verdade, de razão, ou a possibilidade da reflexão desapaixonada. Na sua maior parte, fazem má filosofia, muitas vezes sem saberem que é isso que estão a fazer: São engenheiros conceptuais que não conseguem desenhar um plano, quando mais conceber uma estrutura.

O mote completo de Goya para a sua gravura é o seguinte: "A imaginação abandonada pela razão produz monstros impossíveis; unida a ela, é a mãe das artes e a fonte dos seus encantos". é assim que devemos encarar as coisas.

* * *

Texto 2 - O que é a filosofia?

Por John Shand, Open University

O texto original encontra-se no endereço: <http://criticanarede.com/oqefilosofia.html>. Ele é mais amplo que o recorte que fizemos e aborda outras questões que não nos interessam diretamente. Quem quiser pode conferi-lo na íntegra.

A filosofia é uma grande aventura intelectual, ao mesmo tempo que o seu objecto de discussão é uma das coisas mais importantes que podemos fazer com as nossas vidas.

Há uma anedota recorrente entre muitos filósofos profissionais, que envolve um deles a ser encurralado durante uma festa por alguém que ao saber que se trata de um filósofo lhe pergunta: "Bom, o que é então a filosofia?" A piada reflecte na verdade o desconforto de muitos filósofos e a desconfortante consciência de não serem capazes de dar uma resposta directa e clara. Muitos filósofos recorrem ao método de responder por listas, explicando que a filosofia é acerca de "questões fundamentais" como "a verdade", "o que se pode conhecer?", "qual a natureza de uma boa acção?", "qual a natureza da mente e a sua relação com o corpo?". A outra maneira de lidar com a questão é algo evasiva e envolve afirmar o menos possível, algo como: "Bom, a melhor maneira de compreender o que é a filosofia é fazê-la." É provável que ambas as respostas, embora tendo um fundo de verdade, deixem os interlocutores perplexos, e com razão, insatisfeitos e com vontade de se afastarem para ir buscar outra bebida — para grande alívio do filósofo.

Penso que cabe aos filósofos lidar frontalmente com esta questão. Afinal, somos pagos para isso. A minha resposta imediata, que mais tarde terá de ser ligeiramente aperfeiçoada, a esta questão é a seguinte:

A filosofia é o que acontece quando se começa a pensar pela própria cabeça.

Pode-se acrescentar um pouco mais. Assim que nos libertamos dos hábitos das crenças recebidas, as que por acaso se adquiriu mesmo acerca de questões básicas, e começamos realmente a pensar acerca daquilo em que devemos acreditar, à luz da razão (argumentos) e indícios, começamos a fazer filosofia. A "tradição" de se apoiar antes em "autoridades" e "textos sagrados" é o estado normal das coisas e não a excepção na história — para muitos é ainda a maneira natural de viver. Além disso, pensar por si próprio não é algo que se leve a cabo facilmente por mero capricho, mas antes algo que é preciso reforçar como a um músculo, através de bons hábitos mentais. A filosofia é um modo de vida, que se constrói ao longo dos anos; o pensamento filosófico é um estado de espírito que se torna parte da própria natureza de uma pessoa.

É comum encarar-se a filosofia como um luxo imprático, desnecessário. Uma futilidade, lúdica na melhor das hipóteses, que se acrescenta à vida depois de se ter tratado das coisas práticas. Mas isto é um erro.

Longe de ser desnecessária, a filosofia é inevitável a partir do momento em que as pessoas deixam de tomar por adquirido as crenças que receberam e, ao invés, começam a pensar nelas com cuidado, autonomamente. A glória da filosofia — e seguramente um dos aspectos imediatamente interessantes para os que se sentem atraídos por ela — é nada estar interdito, nem mesmo o valor da razão, ou, na verdade (embora isto possa parecer paradoxal), o próprio estatuto da filosofia. Não há restrições. Só algo como

argumentação e a discussão sem limites parece constante. É uma liberdade maravilhosa. Ou somos escravos das crenças que por acaso adquirimos através das circunstâncias contingentes da maneira como fomos educados e do lugar em que o fomos, ou somos até certo ponto filósofos. A filosofia é o bastião do pensamento livre e da exploração de ideias, acima de tudo.

A filosofia por vezes trata a questão da maneira como devemos viver. Pode-se argumentar que a própria adopção de uma atitude filosófica é exactamente o modo como se deve viver — tudo o resto é submissão crédula. Claro que se trata de uma questão de grau, mas na maioria dos casos é um bilhete de ida para a liberdade de pensamento: depois de o experimentar ninguém quer regressar à escravidão novamente.

Seria errado pensar que a filosofia nos deixa constantemente num estado de dúvida vaga. Aceita-se as próprias crenças com base nos melhores argumentos. Mas deixa-se a porta entreaberta à discussão suplementar. Na verdade são os que adoptam as suas crenças como actos de vontade e fé que se apoiam em terreno instável, onde podem ser derrubados por acaso, com as consequências dolorosas da desilusão, do vazio e da perda. O resultado pode ser catastrófico porque caem, se o fazem, de uma altura tal e de um lugar onde se julgavam absolutamente seguros. Depois disso, o quê? A filosofia não sonha tão alto. Está também preparada para viver corajosamente com isso. Apesar de mudarmos de crenças à luz de novos argumentos, podemos assegurar-nos que, da última vez que defendemos uma perspectiva, fizemos o melhor para chegar realmente ao fundo da questão. A filosofia não gera a dúvida vazia nem uma certeza inalcançável.

Como modo de vida, a filosofia e o pensamento filosófico não prometem a felicidade, mas penso que realçam o que há de melhor nos seres humanos. A filosofia dá corpo àquilo que há de mais nobre na nossa espécie.

A casa que os filósofos construíram

A filosofia assemelha-se muito a uma casa que se constrói sobre estacas num rio. Nessa casa podemos fazer todo o género de coisas — construir coisas, movê-las de um lado para o outro — mas estamos sempre cientes de que a estrutura é suportada por pilares assentes em algo potencialmente e, amiúde, realmente inconstante. A filosofia desce repetidamente para ver como estão as coisas perto da base dos pilares e na verdade inspecciona os próprios pilares. As coisas podem precisar de mudança lá em baixo. Para os filósofos isto não é apenas a natureza da filosofia mas a condição intelectual genuína da humanidade. É a filosofia que presta uma atenção detalhada a essa condição e a leva a sério. Isto em vez de a ignorar ou resolvê-la de um modo sofisticado.

* * *

Depois desta primeira aproximação que fizemos acerca da filosofia podemos nos debruçar sobre o surgimento — se é que podemos dizer que a filosofia “surgiu” — e constituição da filosofia tal qual a concebemos hoje.

Os historiadores e estudiosos da história da filosofia apontam a Grécia e suas inúmeras penínsulas no século VII a.C. como sendo o berço da filosofia. Isto porque, naquele momento histórico e naquele espaço determinado, encontravam-se condições para que a filosofia se consolidasse. Mas quais eram estas condições específicas?

A filósofa Marilena Chauí (2000) estabelece uma divisão importante acerca da história da Grécia. Afirma a este respeito:

A história da Grécia costuma ser dividida pelos historiadores em quatro grandes fases ou épocas:

1. a da Grécia homérica, correspondente aos 400 anos narrados pelo poeta Homero, em seus dois grandes poemas, *Ilíada* e *Odisséia*;
2. a da Grécia arcaica ou dos sete sábios, do século VII ao século V antes de Cristo, quando os gregos criam cidades como Atenas, Esparta, Tebas, Megara, Samos, etc., e predomina a economia urbana, baseada no artesanato e no comércio;
3. a da Grécia clássica, nos séculos V e IV antes de Cristo, quando a democracia se desenvolve, a vida intelectual e artística entra no apogeu e Atenas domina a Grécia com seu império comercial e militar;
4. e, finalmente, a época helenística, a partir do final do século IV antes de Cristo, quando a Grécia passa para o poderio do império de Alexandre da Macedônia, e, depois, para as mãos do Império Romano, terminando a história de sua existência independente. (CHAUÍ, 2000)

A história do pensamento grego, no formato que entendemos hoje por filosofia – pensamento radical, de conjunto e sistematizado, com método próprio e objeto definido – ocorreu a partir do estabelecimento da polis grega. Nos períodos anteriores não encontramos esta formulação. Mas quando do grande desenvolvimento das cidades gregas, com a vida político-social em franca ascensão, um desenvolvimento cultural experimentando como nunca antes, percebemos, de igual forma, o florescimento e consolidação do discurso filosófico que marcará para sempre a história do ocidente. Sobre a filosofia deste período afirma Chauí:

Os quatro grandes períodos da Filosofia grega, nos quais seu conteúdo muda e se enriquece, são:

1. Período pré-socrático ou cosmológico, do final do século VII ao final do século V a.C., quando a Filosofia se ocupa fundamentalmente com a origem do mundo e as causas das transformações na Natureza.
2. Período socrático ou antropológico, do final do século V e todo o século IV a.C., quando a Filosofia investiga as questões humanas, isto é, a ética, a política e as técnicas (em grego, *ântropos* quer dizer homem; por isso o período recebeu o nome de antropológico).
3. Período sistemático, do final do século IV ao final do século III a.C., quando a Filosofia busca reunir e sistematizar tudo quanto foi pensado sobre a cosmologia e a antropologia, interessando-se sobretudo em mostrar que tudo pode ser objeto do conhecimento filosófico, desde que as leis do pensamento e de suas demonstrações estejam firmemente estabelecidas para oferecer os critérios da verdade e da ciência.
4. Período helenístico ou greco-romano, do final do século III a.C. até o século VI depois de Cristo. Nesse longo período, que já alcança Roma e o pensamento dos primeiros Padres da Igreja, a Filosofia se ocupa sobretudo com as questões da ética, do conhecimento humano e das relações entre o homem e a Natureza e de ambos com Deus (CHAUÍ, 2000)

Quer conhecer um site muito interessante sobre a Grécia Clássica?

Grécia Antiga. Inclui artes, mitologia e filosofia. O organizador é Wilson Alves Ribeiro Jr. e o site possui muito conteúdo de forma bastante didática. Tem imagens, e fontes do grego antigo para downloads. Vale conferir! Acesse <http://warj.med.br/>

Se estabelecermos uma relação entre os períodos históricos e os períodos filosóficos veremos que são interdependentes. Condições históricas geram pensamentos específicos, ao mesmo tempo em que, determinados pensamentos organizam determinados momentos históricos influenciando todo um processo de organização sócio-política-econômica e cultural.

Relações entre o contexto e a ideia

Observando mais atentamente o período medieval podemos dizer que as organizações (igrejas, espaços públicos, escolas, estado) influenciaram a forma de pensar ou foram as ideias disseminadas por padres, artistas e intelectuais que determinaram as representações de homem e mundo que deram as marcas do período medieval.

Você percebe que há uma relação de mão dupla entre o contexto e a ideia veiculada em um mesmo contexto?

No caso da Grécia antiga não foi diferente. Os problemas enfrentados, as soluções propostas, a forma de compreender e interpretar o mundo, o conhecimento e patrimônio cultural disponível, são apenas alguns dos elementos que irão propiciar o surgimento de uma nova forma de racionalidade até então inédita. Se recuarmos no tempo podemos identificar uma grande contaminação entre o discurso religioso, poético e mágico acerca dos acontecimentos que ocorriam à volta do homem. As explicações acerca da infelicidade, tristeza, morte, glórias, sucessos, colheitas abundantes, doenças, pragas – e tantos outros eventos cotidianos – sempre encontrava uma explicação em fontes religiosas e míticas. “Vontade dos deuses”, favorecimento/desfavorecimento das “forças ocultas”, irritação da divindade, “punição dos deuses” e tantas outras explicações. Estas construções eram providas de uma certa racionalidade capaz de circunscrever homens, natureza e deuses em um mesmo ambiente, com papéis próprios e relações específicas.

Hoje temos uma racionalidade diferente que valoriza mais os elementos de caráter pragmático, testável, científico e mensurável e que recusa, por princípio, esta contaminação entre o religioso e o empírico.¹ Neste momento é oportuno estabelecermos uma caracterização acerca do pensamento de mítico para que possamos delinear o cenário no qual o pensamento filosófico se erigiu.

2.2 - O pensamento mítico

As narrativas míticas remontam a tempos muito remotos. Basicamente mantidas a partir de práticas de oralidade estas narrativas ocupam um papel chave no início das civilizações. Retratam, quase sempre, personagens centrais que encarnam uma forma de agir e pensar que deve ser tomada como modelo para os outros homens. Podemos dizer que o pensamento mítico representa uma forma do ser humano situar-se no mundo, ocupar seu lugar entre os demais, sejam eles outros homens, deuses e elementos da natureza. O pensamento mítico é caracterizado pelo fantástico, ingênuo, anterior a toda

1 Empírico: do Gr. empirikós, experimental. relativo ao empirismo; que se guia, se fundamenta apenas na experiência; que é dado pela experiência, excluindo qualquer teoria própria para ligar os resultados das experiências. Fonte: PRIBERAN. DICIONÁRIO de Português. Portugal: Priberan, s.d.. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>>

reflexão crítica, determinando sua conduta e os valores que nortearão o conjunto de suas ações. Desta forma, epistemologicamente ele constrói-se a partir de verdades intuídas, não necessitando de provas para ser aceito, sendo então dogmático, e por isso, não pode ser provado e nem refutado. Baseado na fé e crença. O desejo de "entender" o mundo para afugentar o medo e a insegurança exige uma cumplicidade para com os outros elementos. Agradando às forças sobrenaturais, receberá os favores dos deuses. Da mesma forma, o desagrado ou hostilidade aos deuses e à própria natureza resultará em desgraça e situações adversas. Esta dinâmica faz com que o pensamento mítico associe-se à magia. A magia nada mais é que uma forma de realizar o mito mediante uma série de rituais que fazem com que o mito torne-se ação. Desta forma, os rituais de nascimento, morte, colheita, prosperidade, expiação, passagem, ganham importância nas atividades cotidianas da comunidade.

Desdobrando para o plano social podemos apontar como funções do mito permitir uma maior acomodação social, tranquilidade frente ao mundo hostil, e estabelecimento de padrões de conduta com caráter moral. No plano social sua importância é bem visível, e podemos dizer que o mito é uma primeira fala sobre a realidade, um atribuir sentido ao mundo, sobre o qual a afetividade e a imaginação exercem grande papel, e cuja função principal não é explicar a realidade, mas acomodar o homem ao mundo. Neste processo o grupo é anterior ao indivíduo, é na coletividade que o indivíduo encontra sua identidade. Por extensão, a consciência não é individual, mas coletiva. O eu – como construção da modernidade – não existe.

Esta forma de entendimento do mundo funciona como um padrão sendo presente nas mais diferentes culturas, embora os elementos de que se servem sejam diferentes. Mas, veremos a seguir, que a filosofia trilhou um outro caminho distanciando-se paulatinamente das explicações míticas. Não podemos precisar quando a busca incessante pelas explicações mediante o uso da razão tomaram lugar no cenário grego, mas não podemos negar que impregnaram de uma tal forma a filosofia que não conseguimos pensar esta última sem a primeira. Vejamos como esta racionalidade tomou forma.

8. Anexos

8.1 - Linha do tempo: Período, Temas e Pensadores

A tabela abaixo apresenta uma síntese da história da filosofia. Muitos pensadores não foram contemplados aqui. Com certeza, outros escolheriam pensadores que não foram relacionando e deixariam de elencar alguns aqui presentes. Mas este é sempre um problema quando lidamos com compilações. De qualquer forma, serve para situar os pensadores numa escala de tempo.

Período	Temas	Escola / Pensadores
Cosmológico ou Pré-socrático Séc. VII – V a.C.	<input checked="" type="checkbox"/> Busca do “primeiro princípio” <input checked="" type="checkbox"/> Primeiros temas em filosofia	<input checked="" type="checkbox"/> Jônicos: Tales de Mileto, Anaximandro e Anaxímenes. <input checked="" type="checkbox"/> Pitagóricos: Pitágoras. <input checked="" type="checkbox"/> Eleatas: Xenófanés e Parmênides. <input checked="" type="checkbox"/> Heráclito, Empédocles e Demócrito
Antropológico ou Clássico Séc. V – IV a.C.	<input checked="" type="checkbox"/> Busca da verdade e ação pragmática <input checked="" type="checkbox"/> Formulação dos grandes sistemas filosóficos	<input checked="" type="checkbox"/> Os Sofistas: Protágoras e Gorgias. <input checked="" type="checkbox"/> Sócrates <input checked="" type="checkbox"/> Platão <input checked="" type="checkbox"/> Aristóteles
Ético-racional Séc. IV a.C.– I d.C.	<input checked="" type="checkbox"/> Busca de princípios racionais que fundamentem as ações éticas	<input checked="" type="checkbox"/> Epicurismo: Epicuro <input checked="" type="checkbox"/> Estoicismo: Zenão de Cício, Marco Aurélio, Sêneca e Lucano.
Ético-religioso Séc. II - III	<input checked="" type="checkbox"/> Busca de princípios religiosos que fundamentem as ações éticas	<input checked="" type="checkbox"/> Neoplatonismo: Plotino <input checked="" type="checkbox"/> Os Pensadores de Alexandria: Fílon, Clemente e Orígenes
Patrística Séc. IV - IX	<input checked="" type="checkbox"/> Síntese entre Teologia cristã e Filosofia grega	<input checked="" type="checkbox"/> Agostinho de Hipona, Tito Flávio e Boécio
Escolástica Séc. IX - XIV	<input checked="" type="checkbox"/> Busca equacionar Fé e Razão	<input checked="" type="checkbox"/> Padres: Tomas de Aquino e Alberto <input checked="" type="checkbox"/> Árabes: Avicena e Avergôis <input checked="" type="checkbox"/> Roger Bacon, Duns Scotus, Abelardo e Guilherme de Ockham
Renascimento Séc. XIV - XVI	<input checked="" type="checkbox"/> Antropocentrismo e releitura dos clássicos	<input checked="" type="checkbox"/> Renascentistas: Nicolau de Cusa, Bernardino Telésio, Giordano Bruno , Montaigne, Thomas Morus e Maquiavel <input checked="" type="checkbox"/> Protestantes: Martinho Lutero e Calvino <input checked="" type="checkbox"/> A Contra Reforma: Tomás Campanella <input checked="" type="checkbox"/> Novos cientistas: F. Bacon e Galileu
Racionalismo e Empirismo Séc. XV - XVIII	<input checked="" type="checkbox"/> Gênese e consolidação da ciência moderna	<input checked="" type="checkbox"/> Racionalistas: R. Descartes, Spinoza, Malebranche, Leibniz e Pascal <input checked="" type="checkbox"/> Empiristas: Tomas Hobbes, J. Locke, J.

		Berkeley e D. Hume
--	--	--------------------

Período	Temas	Escola / Pensadores
Iluminismo Séc. XVIII	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Consolidação do projeto burguês 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> O Iluminismo Francês: Montesquieu, Voltaire, Diderot, D' Alambet, Condillac, Rousseau <input checked="" type="checkbox"/> O Iluminismo Inglês: Newton, Boyle <input checked="" type="checkbox"/> O Iluminismo Alemão: Wolff, Lessing
Revoluções Burguesa e Revolução Industrial Séc. XIX	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Busca de uma razão de caráter universal <input checked="" type="checkbox"/> Consolidação de um modelo de ciência <input checked="" type="checkbox"/> Crítica ao idealismo e projeto burguês 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> O Idealismo Alemão: Fichte, Schelling, Hegel, A Esquerda Hegeliana, e Os socialistas utópicos <input checked="" type="checkbox"/> Materialismo Dialético: Feuerbach, Engels e Karl Marx. <input checked="" type="checkbox"/> Os Alemães: Schopenhauer, Hartmann, Nietzsche <input checked="" type="checkbox"/> Os Positivistas: Saunt-Simon e Augusto Comte (Fr); Charles Darwin, Herbert Spencer e Stuart Mill (In); Richard Avenarius e Ernst Mach (Al); Carlo Cattaneo e Roberto Ardigò (It)
Contemporâneo e Pós-Moderno Séc. XX	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Os problemas da existência <input checked="" type="checkbox"/> Os limites da ciência <input checked="" type="checkbox"/> O pragmatismo como paradigma <input checked="" type="checkbox"/> A ética da alteridade <input checked="" type="checkbox"/> A exploração do inconsciente <input checked="" type="checkbox"/> A crítica à contemporaneidade 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Fenomenologia: Edmund Husserl e Heidegger <input checked="" type="checkbox"/> Os Existencialistas: Kierkegaard, Kafka, K. Jaspers, Gabriel Marcel, J-P. Sartre e Simone Beauvoir <input checked="" type="checkbox"/> O Espiritualismo: Henri Bérgrson, Blondel, J. Maritain <input checked="" type="checkbox"/> O Estruturalismo: Lévi-Strauss e Michel Foucault. <input checked="" type="checkbox"/> Escola de Frankfurt: Gramsci, Marcuse, Horkheimer, Adorno, Garandy e Habbermas <input checked="" type="checkbox"/> A Filosofia da Ciência: Bertrand Russell, Karl Popper e Thomas Kuhn <input checked="" type="checkbox"/> A Filosofia da Linguagem: Rudolf Carnap, L. Wittgenstein, e o Círculo de Viena. <input checked="" type="checkbox"/> Os Pragmáticos: John Dewey, Peirce, William James, John Watson, Skinner <input checked="" type="checkbox"/> Os psicanalistas: Freud, Lacan e Jung <input checked="" type="checkbox"/> Ética da alteridade: Emanuel Levinas, Martin Buber e Enrique Dussel <input checked="" type="checkbox"/> Os pós modernos: Gilles Deleuze, Felix Guattari, Jacques Derrida, Baudrillard e Bordieu